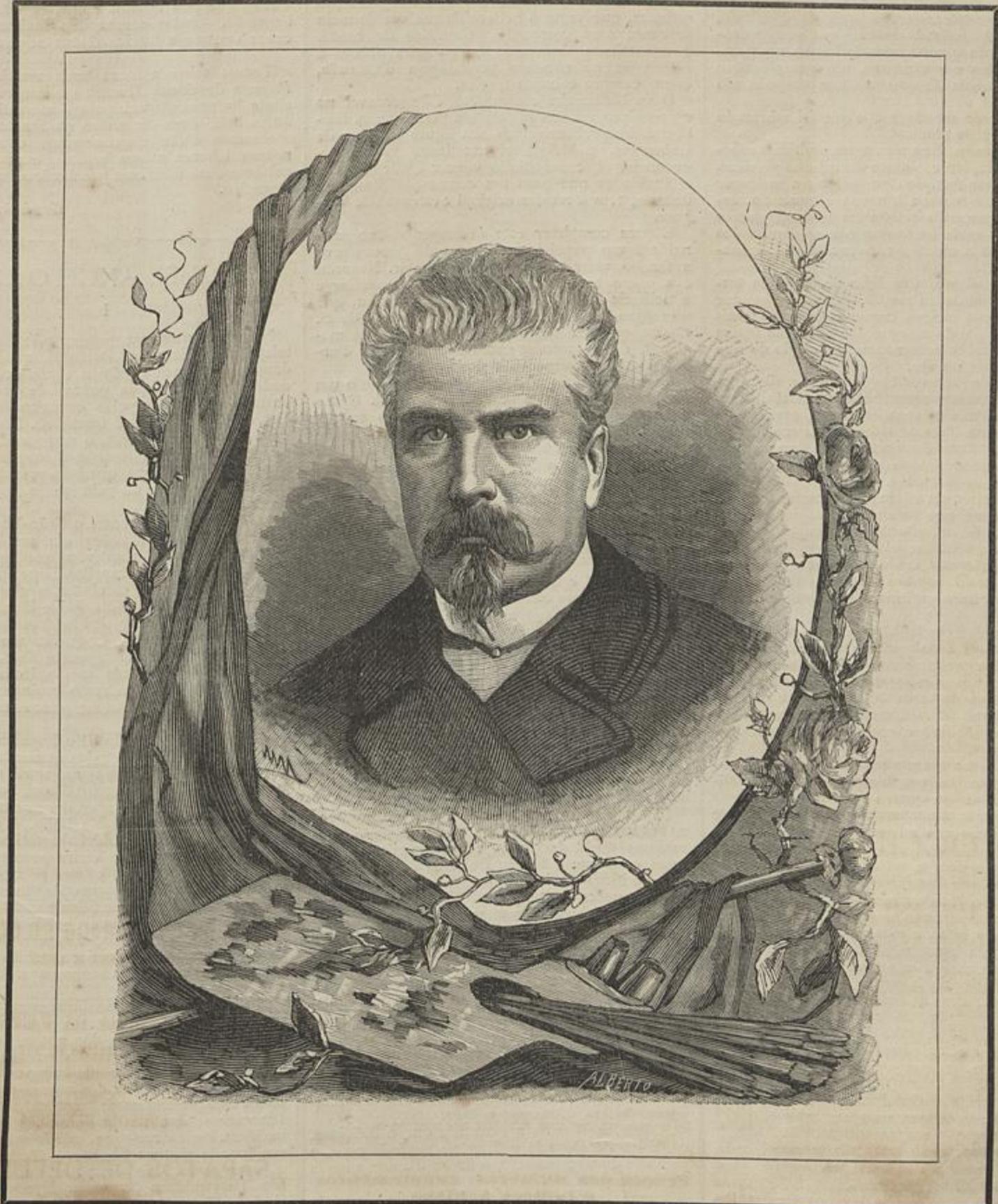


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 153	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	18900	6950	6120	21 DE MARÇO 1883	
Posseções ultramarinas, (idem).....	48000	24000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	56000	28500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	156000	78500	-	-		



MIGUEL ANGELO LUPI, PROFESSOR DE PINTURA HISTORICA, NA ACADEMIA DE BELLAS-ARTES DE LISBOA  
Fallecido em 26 de fevereiro de 1916 (Segundo uma photographia de Rochini)

## CHRONICA OCCIDENTAL

Esta semana lá fomos ao cemiterio enterrar mais um amigo, mais um companheiro corajoso e leal d'estas nossas luctas trabalhosas de todos os dias.

E n'este funebre mister de coveiro vamos passando a vida, levando cada dia ao cemiterio os cadaveres d'aquelles, que mais estimámos, d'aquelles que mais nos acompanhavam nas nossas festas alegres, e nos nossos momentos de tristeza.

Hontem foi Saraiva de Carvalho, um gigante em toda a plenitude da sua gloria, ante-hontem foi Sampaio nosso mestre querido, uma reliquia preciosa do passado, hoje foi Coutinho de Miranda, um soldado humilde do grande batalhão dos que trabalham, mas um trabalhador valente, entusiasta, incansavel, que a gloria não puzera em evidencia á admiração dos contemporaneos, mas que a tenacidade, a energia, a lealdade, impozera de ha muito á estima e á consideração de todos os seus companheiros intimos d'esta rude faina da imprensa quotidiana e da politica de *meetings* e de artigos de fundo.

Coutinho de Miranda era mais do que tudo, mais do que jornalista, mais do que auctor dramático, mais do que homem de letras, um pamphletario ardente e vigoroso, um pamphletario a escrever, e mais do que isso um pamphletario a fallar.

Um orador de *meetings* é o que foi sobretudo Coutinho de Miranda.

Ahi, na praça publica, ante uma multidão enorme, a voz estridente, sonora do tribuno popular, encontrava uma energia desusada para se impôr á attenção das massas, e a sua eloquencia espontanea, torrencial, e emphatica de *meetingueiro* arrancava os mais entusiasticos applausos das multidões, que o ouviam convencidas e dominadas.

Para o jornalismo, Coutinho de Miranda trazia as suas qualidades predominantes de orador popular, os seus artigos caracterisavam-se mais pela vehemencia do ataque, do que pela logica da discussão; pela vehemencia do estylo do que pelo cuidado da phrase.

E esses mesmos predicados eram n'elle perfeitamente naturaes, acompanhavam-o ainda nas suas conversações intimas, nos seus cavacos de bastidores, e, na discussão das coisas mais futeis Coutinho de Miranda tinha o exagero d'argumentação, o entusiasmo vibrante, dos seus artigos e dos seus discursos.

A qualidade porém adoravel do caracter d'esse excellente rapaz, que na sexta feira fomos acompanhar ao cemiterio, nós todos da imprensa, sem distincção de principios politicos, nem dissensões de luctas partidarias, era a differença completa, a opposição total que em Coutinho de Miranda havia entre o homem intimo e o orador popular.

Intransigente, irascivel, trovejante, violentissimo, no *meeting*, e na politica, Coutinho de Miranda, despia completamente todos os seus odios, todos os seus rancores, quando descia da tribuna ou se levantava da mesa de redacção, e não havia homem mais affavel, mais cortez, mais dedicado, mais obsequiador, mais bom, nas suas relações pessoaes.

Combatia sem treguas o adversario, mas se amanhã elle lhe pedisse um favor, Coutinho de Miranda deidia-se em quatro para lh'o fazer.

Mas, qualidade ainda mais rara, mais nobre e mais santa, fazia aos adversarios todos os favores, que lhe pedissem, mas não lhes pedia nem aceitava um unico, o mais insignificante.

Foi por isso que Coutinho de Miranda, seguindo toda a sua vida, lealmente, corajosamente as suas ideias politicas, arriscando muitas vezes por ellas, o seu bem estar, e mesmo a sua existencia, serviu d'escada para muitos subirem, e nunca deu um passo para elle proprio subir.

A sua consciencia honrada e indomavel, não transigiu nunca com as transacções faceis e usas da nossa desgraçada politica: por isso Coutinho de Miranda viveu de privações, e morreu na miseria, quando muitos sem o seu valor, sem a sua actividade, sem os seus serviços, vivem na opulencia, e legam aos seus farta herança.

Coutinho de Miranda deixou uma unica herança não muito vulgar, mas que não tem alta cotação na praça — um nome honrado.

E aos seus companheiros deixou esse legado, que só os bons podem testar, a saudade pungente, verdadeira e duradoura.

— O theatro de S. Carlos deu-nos por fim, depois de annunciada dois annos a afamada opera de Wagner, *Lohengrin*.

E diga-se a verdade, com elogio a quem to-

que, deu-a com o maximo esplendor com que se pôde pôr uma opera no nosso theatro lyrico, esplendor de *mise-en-scene* e esplendor de desempenho.

Resumindo n'uma epocha theatral cinco artistas de excepcional merito como Pasqua, De Reszké, e tenor Barbacini, baixo de Reszké e tenor Aldighieri, o sr. Freitas Brito, poude dar ao *Lohengrin* um quintetto de primeiras partes como difficilmente se encontrará nos primeiros theatros do mundo.

A sr.<sup>a</sup> De Reszké, cuja voz é extraordinaria e é indiscutivelmente hoje, uma das mais bellas vozes de soprano que ha na Europa, teve no papel de Elsa o seu maior triumpho artistico em Portugal.

É completa e maravilhosa n'esse papel, a illustre cantora varsoviana.

Nos *Huguenotes*, no *Fausto*, e n'outras operas em que é indispensavel a paixão dramatica, exuberante e vigorosa, a sr.<sup>a</sup> De Reszké, sendo notabilissima na parte lyrica, deixa a desejar na parte dramatica dos seus personagens: na Elsa do *Lohengrin*, a sr.<sup>a</sup> De Reszké é como cantora e como actriz brilhantissima e magistral.

A sr.<sup>a</sup> Pasqua, uma extraordinaria organização artistica, que junta á belleza da sua voz de meio soprano, uma correcção primorosa de canto, e um talento dramatico de primeira ordem é prodigiosa no sombrio personagem d'Ostruda, como cantora e como tragica.

O sr. De Reszké é completo, é impecavel, na composição e execução do seu personagem. Barbacini irreprehensivel na sua figura lendaria de Lohengrin, e Aldighieri excellento no seu pequeno papel, conseguindo vencer quasi todas as difficuldades que para um cantor perfeitamente italiano, tem a musica original e estranha de Wagner.

E para completar este desempenho excepcional até um papel insignificante de Arauto teve a fazel-o valer, a voz soberba do sr. Navarini e a opera teve a ensaial-a o talento superior e a sciencia completa do maestro Dalmau, que transformou completamente a orchestra de S. Carlos, que fez prodigios sob a sua batuta magistral, e que tornou excellentes os côros d'ordinario tão desafinados e desmandados.

Como execução o *Lohengrin* foi portanto um successo completo e realmente notavel. Como *mise-en-scene*, como scenario e como guarda roupa, de ha muito não se apresenta no theatro de S. Carlos mais bello espectáculo para os olhos os fatos são magnificos, e os das primeiras partes d'uma riqueza e elegancia notaveis; como scenario, as vistas foram pintadas pelo sr. Marini, que está hoje em pleno successo de scenographia.

Falta-nos fallar do mais difficil, da opera wagneriana.

Não é facil e é inutil completamente fazer-se em Portugal uma critica severa e seria de *Lohengrin*: não é facil, porque essa critica demanda uma educação musical completissima, e inutil porque está de ha muito feita pelos primeiros criticos do mundo.

Em todo o caso nós é que nunca a poderíamos fazer, e nem sequer o tentaremos.

Assistimos á representação do *Lohengrin* perfeitamente despreocupados de opiniões alheias, e não podendo de forma alguma fazer da opera de Wagner uma critica *savante*, quizemos ao menos ter uma impressão perfeitamente pessoal.

Não sahimos do theatro não tendo outro Deus na musica senão Wagner, mas também não sahimos de lá a dormir, como aquellas caricaturas com que a *blague* franceza fez a sua primeira critica — hoje muito modificada — ao maestro da musica do futuro.

Ha no *Lohengrin* muitas coisas que nos fatigaram, naturalmente por não as percebermos. A musica em geral é difficil, confusa, incomprehensivel n'uma primeira audição.

Dizer d'ahi que ella não presta é tão imbecil, como dizer que é excellente sem a ter entendido. Póde ser que á decima audição, essa mesma musica nos extasie; na primeira fatiga.

Outros trechos, mais faceis, em que que a inspiração se destaca brilhante na aglomeração embora *savante*; mas confusa e inextricavel ao *premier abord*, de massas harmonicas, são realmente bellas, e encantam logo.

N'este caso estão a *ouverture* que é deliciosa, o duetto de *Ostruda* e *Elsa* no segundo acto, o preludio do terceiro acto, o duetto d'amor, a lenda do Lohengrin etc.

E nada mais diremos do Lohengrin, de que o OCCIDENTE tratará em breve, nem de Wagner, de quem está já tratando com larga minuciosidade e proficiencia no nosso jornal, um dos mais nota-

veis e brilhantes criticos musicas que tem Portugal.

— Poucas horas antes de começarmos a escrever esta chronica, Lisboa estava ainda illuminada sinistramente pelo clarão enorme do grande fogo que houve n'uma fabrica de cortiça na Margueira, do outro lado do Tejo.

Os jornaes de Lisboa deram todos larga e desenvolvida noticia d'esse fogo monstro, que apavorou durante horas, a população de Cacilhas, que esteve em risco de ser destruida pelo enorme incendio e que, visto de Lisboa, foi um dos mais bellas e horriveis espectaculos que nos tem sido dado presenciar.

O fogo foi na fabrica de cortiça do sr. Buchnall & C.<sup>a</sup>, a fabrica de cortiça maior que havia na Europa, e de que hoje resta apenas um enorme terreno negro, cheio ainda de cortiça chamejante.

O vento era tão grande e o fogo começou logo com tal intensidade, que a cortiça escandecente atravessava o rio, e vinha cair aos montes pelo interior da cidade.

Os prejuizos foram enormes, calculam-se em 400 contos que serão pagos aos proprietarios — que no fim de contas são tão ricos segundo dizem, que esta quantia é apenas para elles uma bagatella, — pelas companhias inglezas e americanas em que a fabrica estava segura.

Temos sobre a meza mais um livro novo; *Poemas* de Sousa Monteiro o illustre poeta que ainda ha pouco atirou para o mercado, com um outro bello livro de versos os *Sonetos*.

Diremos d'elle proximamente dando já aos nossos leitores a boa noticia, que temos para publicar duas deliciosas poesias ineditas de Sousa Monteiro.

Gervasio Lobato.

## MIGUEL ANGELO LUPI

### I

Não é seguramente porque não haja grandes talentos artisticos em Portugal, que nunca podémos, que nunca lográmos estabelecer uma verdadeira escola. Um pouco de vezes se tem tentado dar um impulso energico ás artes em Portugal; o impulso é fructifero. Mas volta depois outra vez a atonia, o marasmo, e a escola que principiava a formar-se desaparece, dispersa-se, esmagada logo quasi ao principio pela indifferença publica, ou pela inveja, ou pela maledicencia.

No seculo XVI tivemos o Grão-Vasco em pintura, Matheus Fernandes em architectura, os quadros gothicos ou antes os quadros flamengos da Sé de Vizeu, as capellas imperfeitas da Batalha. O Sansovino escultor, o pintor Antonio Moor, os architectos Castilho e Boutaca vinham de Hespanha, de Italia, de Flandres dar o impulso, organizar os estudos, emquanto um grande numero de pintores portuguezes Dias, Campello, Francisco de Hollanda iam a Italia colher da bocca dos grandes mestres o ensinamento necessario. A escola fundou-se; pouco tempo depois desaparecia.

No fim do seculo XVIII o impulso, dado pelo marquez de Pombal a todos os ramos de ensino, origina entre nós uma nova renascença artistica. Vem do estrangeiro Giusti, Bartolozzi architectos, escultores, gravadores. Outros artistas portuguezes vão estudar a Italia. D'aqui resulta uma maravilhosa produção artistica. Domingos Antonio de Sequeira e Vieira portuense figuram nas primeiras planas e nos primeiros logares entre os grandes pintores da Europa do seu tempo, José da Costa e Silva manifesta-se architecto de primeira ordem, Joaquim Carneiro da Silva gravador eximio, Joaquim Machado de Castro, João José de Aguiar notabilissimos escultores. Durou pouco a renascença. A decadencia não tardou.

E sabem porque succedia sempre assim? Porque nós, os portuguezes, temos a invencivel tendencia para desdenhar dos nossos compatriotas, porque em nenhum paiz do mundo é mais verdadeiro o proverbio de que «ninguem é propheta na sua terra.» Defeito dos paizes pequenos, dir-se-ha. Não, defeito nosso, exclusivamente nosso. A Dinamarca teve um grande escultor: Thorwaldsen. Pode dizer-se que o divinisou. Nóstivemos um grande pintor: Sequeira. Não lhe poupámos as amarguras. Mais ainda: a Dinamarca incumbiu Thorwaldsen de povoar de estatuas a cathedral de Capenhague. Paiz pequeno e pobre, pagou-lhe como se tivesse á sua disposição o thesouro da Russia. Sequeira viu os seus honorarios discutidos em côrtes, censurados, mutilados.

Nunca um fidalgo dinamarquez ousou regatear a Thorwaldsen o preço das suas estatuas. Querem saber o modo como procediam com Domingos Antonio de Sequeira, com o homem a quem Racknisky havia de chamar o Rembrandt do claro, com o homem que recusara as ofertas brilhantes de uma grã-duquesa da Rússia para ficar trabalhando no seu paiz, querem saber como procediam com elle os fidalgos portuguezes? ouçam Cyrillo:

«O conde de Val de Reis recusou dar-lhe mil moedas que exigia por dez batalhas para uma das suas ante-camaras. Todos pretendiam ter alguma coisa do novo artista, mas admiravam-se dos preços, de sorte que, caindo em melancolia, quiz ir fazer vida eremitica na serra do Busaco, e por fim foi ser monge na Cartuxa.»

Se Domingos Sequeira fosse Luiz David, o conde de Val de Reis dar-lhe-hia as mil moedas por cada um dos seus dez quadros, mas como é que um pintor portuguez se atrevia a fazer semelhantes preços? A doença é antiga, como se vê, e Lupi podia consolar-se, com o exemplo de Sequeira, de ver ao seu lado cobertos de tantas libras os retratos de Carolus Duran quantas eram as meias corôas com que lhe cobriam as suas telas.

Com este defeito radicalissimo e nacional, que importa o primeiro impulso? A arte esmorece logo, e ou foge, ou se transforma em officio. Sem remuneração condigna, sem consideração sobretudo, não é possível formar artistas.

## II

Teve Lupi o presentimento de que nunca poderia ter n'este paiz carreira verdadeiramente digna do seu talento, porque hesitou muito tempo antes de se enregar exclusivamente á sua paixão pela arte. Filho de Francisco Lupi e de D. Maria do Carmo Lupi, nasceu em Lisboa no dia 8 de maio de 1826, e recebeu na pia baptismal o nome fático de Miguel Angelo. Também Bordallo Pinheiro teve o nome de Raphael. E digam lá que n'esse momento solemne em que se trata ao mesmo tempo de pôr um nome e de tirar um horoscopo, não acode ás vezes um presentimento ao cerebro dos paes e dos padrinhos? Porque é que o pae do nosso grande caricaturista lhe não chamou Feliciano, como chamou a um outro dos seus filhos? Não foi de certo porque a creança ao receber o baptismo endenhasse logo alli a physionomia do padre. Então que querem? O destino tem os seus oráculos, e as parteiras foram talvez junto das pias baptismaes de Lupi e de Bordallo Pinheiro umas outras sybillas.

Mostrando desde muito pequeno vocação para o desenho, Miguel Angelo Lupi foi-se matricular na Academia de Bellas-Artes a 4 de fevereiro de 1841. Fez um curso brilhante, sendo premiado nos tres annos lectivos, e em 1844 encetou os seus estudos mais amplos de pintura historica, a grande pintura, a que sobre tudo o attrahia. Tinha 18 annos então. Se continuasse no caminho encetado, que obras primas não poderia produzir! Haveria porém uma circumstancia attendivel: é que podia morrer de fome antes d'isso. Se o conde de Val de Reis, educado nas grandes tradições de luxo e de magnificencia das casas fidalgas, achava prodigiosamente cara uma batalha de Sequeira por cem moedas, quanto daria por uma batalha ou por uma campanha inteira o sr. José Antonio da Costa, educado na atmosfera artistica de um armazem de secos e molhados no Rio de Janeiro? Evidentemente o bastante para elle poder optar entre morrer de fome, vestido e calçado, ou sustentar-se a bacalhau, privando-se do luxo das botas e das camizas.

Esta reflexão attenuou consideravelmente os enthusiasmos do moço pintor. Abria-se-lhe a carreira de empregado publico, accetou. A arte em Portugal tem de ser a amante com quem se fazem umas infidelidades á esposa legitima que é a secretaria. Lupi entrou em maio de 1849 na Imprensa Nacional como amanuense e alli esteve até abril de 1851.

Como elle viveu durante esses dois annos não posso saber-o... N'esses felizes tempos a carreira unica aberta ás ambições da mocidade portugueza era a carreira dos empregos publicos. Era ahí que officialmente se não morria de fome, mas extra-officialmente morria-se da mesma maneira, porque, sendo essa carreira a mais remunerada, luctava com o inconveniente bastante serio de se não pagarem as remunerações. Em abril de 1851, Lupi descorçoado obteve um logar de contador da junta de fazenda da provincia de Angola. Partiu para essa provincia africana, e lá esteve dois annos enchendo os olhos e a memoria com as maravilhas de côr e de efflorescencia das paizagens tropicaes.

A 27 de setembro de 1853 foi exonerado, voltando á patria de que já tinha saudades, e a 12 de outubro de 1855 foi nomeado aspirante de 2.ª classe da repartição de fazenda do Porto, sendo logo transferido a 24 do mesmo mez para logar da mesma cathogoria na direcção do Tribunal de Contas, e sendo nomeado a 26 de agosto de 1859 amanuense do mesmo tribunal.

Lupi tinha então trinta e tres annos. Os annos mais brilhantes e que podiam ser mais fecundos da sua mocidade passára-os a copiar officios e a fazer contas de multiplicação. Nunca abandonara o pincel e a palheta. Resignava-se a ser um simples curioso, e foi isso o que lhe valeu para que o encarregassem de pintar um retrato de D. Pedro V para o tribunal. A sua brilhante carreira artistica deve-a Lupi ainda assim ao facto de ser apenas um curioso; se fosse um artista, ninguem lhe encommendaria semelhante coisa. Como era um curioso, lembraram-se d'elle. Oh! os curiosos em Portugal! Como elles mereciam uma monographia! Em todo o caso abençoada qualidade! Foi assim que Lupi pôde realizar, ao menos em parte, as suas aspirações artisticas.

(Continúa).

Pinheiro Chagas.

## RICARDO WAGNER

## I

(Continuação)

É de 1860 a musica de 5 poesias publicadas com os nomes de *Der Engel*; *Stehe Still*; *Im Treibhaus*; *Schmerzen*; *Träume*. (O anjo: *Estejas tranquillo*; *Na estufa*; *Dóres*; *Sonhos*).

Em 1860 Wagner vae a Paris e consegue dar uma serie de concertos no Theatro dos Italianos. Foi então que Berlioz atacou o novo reformador n'um folhetim a que Wagner respondeu no *Journal des Debats*.

E' pela protecção da princeza de Metternich e da imperatriz Eugenia, que Royer, director da Academia imperial de musica, recebe ordem de fazer representar o *Tannhäuser*, pondo ás ordens do maestro allemão todos os recursos d'aquelle excepcional estabelecimento.

Niemann, o tenor predilecto de Wagner, é escripturado com a condição de cantar em Paris apenas o *Tannhäuser*: mestres especiaes são encarregados de lhe ensinar a lingua franceza. A Tedesco é encarregada do papel de *Venus*; Maria Sass do papel de *Isabel*. Os ensaios começaram a 24 de setembro de 1860. Uma scena nova, a 1.ª entre *Venus* e *Tannhäuser* no interior da *montanha maldicta*, foi accrescentada em Paris e escripta por Wagner no estylo já das suas ultimas obras de então.

Os artistas desgostosos com a musica difficil que tinham de aprender, e desgostosos nas suas relações pessoases com o maestro, doente e irritado pelos obstaculos que encontrava, foram os primeiros a promover uma surda opposição á nova opera. A propria protecção da imperatriz chamou a politica a terreno contra Wagner. Mas os elegantes influentes da plateia, os membros mais brilhantes do *Jockey Club*, que tinham os objectos das suas maiores admirações artisticas no corpo de baile e queriam que Wagner lhes desse danças no 2.º acto do *Tannhäuser*, resolveram fazel-o cahir. É por esta razão que Wagner chama nos seus escriptos aos francezes *Peuple de danseurs*.

A 13 de março de 1861 *Tannhäuser* era acompanhado na Opera de Paris com gritos e assobios. Depois de tres representações o proprio auctor pediu para que retirassem a opera da scena.

Pouco antes Ricardo Wagner publicara em Paris e em francez os poemas do *Navio fantasma*, *Tannhäuser*, *Lohengrin* e *Tristan e Isolde* precedidos d'uma carta a Frederico Villot conservador dos museus imperiaes, em que expõe os principaes caracteres do seu systema de esthetica, explicando-o ao publico que dentro em pouco devia ouvir a musica do *Tannhäuser*.

Depois da queda d'esta obra Wagner parte para S. Petersburgo onde, pela influencia da Grã Duquesa Helena Pavlovna, protectora da *Sociedade musical russa*, dirige alguns concertos.

Desde então até 1864 Ricardo Wagner organisa concertos das suas obras na Russia, na Bohemia e na Allemanha. As suas operas, incluindo o *Rienzi*, começam a ser, por quasi toda a parte, na Allemanha, applaudidas e apreciadas.

Tudo isto se fazia porém lentamente e a opposição era ainda immensa e ruidosa.

Em 1864 Luiz II era aclamado rei da Baviera e chamava Wagner á sua côrte. N'uma carta conta este o seguinte:

«A coisa a mais inverosimil, e todavia a unica que podia salvar-me, acaba de completamente realizar-se. Uma rainha deu á luz, no proprio anno da primeira representação do meu *Tannhäuser*, o bom genio da minha vida, aquelle que devia, no momento mais terrivel da minha miseria, trazer-me a salvação, o consolo, e apparecer-me como um enviado do céu!»

O rei Luiz de Baviera deu a Wagner uma pensão de 4:000 florins, uma *villa* nas margens do Wurm e encarregou-o de concluir e de fazer executar o grande drama das origens mythologicas e lendarias do povo allemão, o *Nieblung*.

A influencia de Ricardo Wagner sobre o espirito do rei Luiz de Baviera parece ter ido além dos meros assumptos artisticos.

A intelligencia de Wagner era completa de mais para que elle tivesse alguma vez podido conservar-se no circulo limitado d'uma especialidade. As theorias sobre arte tinham de ser, no seu pensamento, apenas um caso particular de uma theoria mais larga que abraçasse a sociedade e o mundo.

Os escriptos de Wagner revelam-n'os, até aos ultimos tempos da sua vida, esta como que necessidade de encyclopedismo.

Esta tendencia do espirito de Wagner parece tel-o feito temer, na sua intimidade com o rei Luiz, ao partido ultramontano de Baviera, a uma grande parte da nobreza e do clero, e a muitos invejosos sem duvida que o atacaram violentamente na imprensa.

Entretanto *Tristão e Isolde*, composição escripta segundo se diz em Veneza, desde 1852, e que os musicos do theatro da *Porta de Carinthia* em Vienna, haviam declarado inexecutavel, dava-se em Munich (1865) sob a direcção de Hans von Bülow.

Wagner teve porém de retirar-se de Munich, como exilado para perto de Lucerna:

Uma casa de simples apparencia está ahí collocada a pequena distancia das montanhas e sobre um promontorio que se adianta por entre as aguas do lago: é *Tribschen*.

Foi este até 1872 o asylo de Ricardo Wagner. Em toda a parte continuava a guerra contra o *maestro* e contra o *homem*.

Wagner respondendo a algumas calumnias escrevia:

«Vi as folhas de Londres e de Paris ridicularisarem sem piedade as minhas obras e as minhas tendencias. Essas obras, arrastadas na lama tem sido assobiadas nos theatros. Restava-me porém vêr a minha pessoa, o meu character, a minha vida intima, entregues ás offensas publicas no proprio paiz onde as minhas obras eram admiradas e onde se reconhecia aos meus esforços uma viril energia e uma alta significação.»

Em França contava-se que Wagner possuia na sua casa de *Tribschen* um serralho com mulheres de diferentes raças, todas orientalmente cobertas de metaes, sedas e pedrarias, junto das quaes ninguem era admittido, e a que serviam de guarda dois terriveis cães pretos.

De toda esta lenda só era verdadeira a existencia d'um pacifico e meigo cão da Terra Nova, *Rus*, que hoje está enterrado junto de seu dono, com a inscripção que este lhe havia feito pôr sobre a sepultura e que diz: «*Rus* aqui espera.»

O rei Luiz da Baviera ia muitas vezes a occultas a *Tribschen* passar alguns dias com Wagner.

É em *Tribschen* que Wagner acaba a musica da comedia *Os mestres cantores de Nürenberg* e a da colossal trilogia dos *Nieblungen* cujos poemas, escriptos em Zurich, haviam sido publicados muitos annos antes.

Em 1868 executa-se, no theatro de Munich, *Os mestres cantores de Nürenberg*, (*Die Meistersinger von Nürenberg*), em 1869 *O Ouro do Rheno*, (*Das Rheingold*), prologo da Trilogia *O anel do Nieblung*, (*Der Ring des Nieblungen*), e em 1870 a 1.ª parte da mesma obra, *A Walkiire* (*Die Walkiire*, 1855).

Todas estas operas foram dirigidas por Hans von Bülow, as duas ultimas mesmo na ausencia de Wagner.

Em 1868, depois d'uma viagem de Wagner á Italia, começa a casa editora F. Lucca, de Milão, a tratar da introdução em Italia das operas de Wagner: Arrigo Boito e Salvador Marchesi começam a traducção do poema do *Lohengrin*.

Em 1866 havia morrido a primeira mulher de Wagner.

Em 1870 (agosto) a filha de Frau Liszt de que já falei, casa com Ricardo Wagner.

Colima Liszt divorciara-se pouco antes de Hans von Bülow, seu primeiro marido, o mais ardente apostolo, então e sempre, das ideias e das musicas wagnerianas.

(Continúa)

V. de D.



EGAS MONIZ PERANTE O REI DE LEÃO — Esboço para um quadro, do professor Miguel Angelo Lupi (Segundo uma photographia)

## O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Cont. do n.º 151)

Ainda não tinham decorrido dois mezes depois da publicação do decreto, quando o actor inglez Samuel Fisher, recomendado pelo ministro da Grã Bretanha em Lisboa, requereu que lhe fosse permitido dar n'esta capital representações dramaticas em inglez. Quem sabe se isto faria parte do plano que os estadistas de alem da Mancha haviam concebido para converternos em colonia sua? Junot quizera ganhar-nos as sympathias promettendo um Camões para cada uma das provincias portuguezas: os inglezes pretendiam talvez seduzir-nos com a representação das tragedias de Shakspeare ou das comedias de Sheridan. O peor era que a politica esbarrava n'este caso, contra a nossa absoluta ignorancia ácerca da lingua de Pope.

Esta razão, e a do prejuizo que o divertimento

causaria á empresa de S. Carlos, por tirar a este theatro a concorrência dos funcionarios britannicos, levaram o magistrado superior de policia a aconselhar o governo a indeferir o requerimento do comediante Fisher. Na informação

de espectaculos. No mez de setembro d'aquelle anno, terminado um concerto porque o primeiro dos dois theatros passou, propoz o intendente geral de policia que se não mant vesse aquella ordem quando reabrisse a Rua dos Condes, pois

diz-se comtudo que a pretensão não envolvia inconveniente reprovado pela moral ou pela politica e que as representações só poderiam effectuar-se no Salitre ou na Rua dos Condes «se é que os referidos theatros, forrados de madeira e velhos» estavam ainda no caso de admitir que n'elles se trabalhasse sem risco.

Por mais de sessenta annos ainda se disse isto mesmo dos dois pardieiros.

Em uma portaria da secretaria do reino, datada de 11 de março de 1813, determinou-se que o theatro da Rua dos Condes fosse regulado pela mesma direcção e inspecção que o de S. Carlos, decerto porque uma só empresa adminis-

trava as duas ca-



SANATORIOS NAS ALTITUDES — CASA DO SR. ALFREDO CESAR HENRIQUES, NO ALTO DA SERRA DA ESTRELLA



AFRICA PORTUGUEZA — ALTO DANDE, UMA VISTA DA FAZENDA DE QUIJANDA (Segundc uma photographia de Moraes)

que em certos dias, principalmente aos domingos, o inspector Botelho não poderia fiscalisar ambos os espectáculos.

Até 1818 teve a Sociedade dos artistas e artífices as duas empresas, lutando com difficuldades pecuniarias, de que eram sempre remedio as casas de sortes e as loterias.

Se tinha justiça a queixa que Manoel Baptista de Paula dirigiu ao governo em 3 de fevereiro de 1814, concorria para os prejuizos soffridos pelos empresarios d'aquella epocha o numero excessivo de beneficios. Segundo elle calculava, desde o carnaval de 1813 até aquella data tinha havido 80 beneficios de *designadas pessoas* em S. Carlos e na Rua dos Condes e 64 no Salitre.

Apura-se da queixa de Manoel de Paula que os nossos avós se sujeitavam com submissão á pesada contribuição dos beneficios, que tanto nos atormenta ainda hoje.

«A consequencia é, diz o requerente, que nos dias em que a representação é a favor da Sociedade e em que não se empregam semelhantes diligencias, vendendo-se á porta os bilhetes e os camarotes, concorre tão pouca gente, que o producto recebido mal pôde cobrir a despeza diaria, entretanto que nos dias de beneficio communmente se enche a casa...»

O governo attendeu esta reclamação, e determinou que só podessem ser dados beneficios no theatro do Salitre, quando o producto das recitas revertesse para empregados da casa, ou para artistas estrangeiros que se escripturassem mediante uma tal condição. Ainda assim a venda dos bilhetes seria feita unicamente no theatro.

No Salitre a empresa era constituída por uma sociedade de quarenta artistas, que nomeavam de entre si um para figurar de empresario. A administração dos theatros de S. Carlos e Rua dos Condes, pondo de parte toda a ideia de camaradagem, disputou, sempre e tenazmente as vantagens que a empresa do outro theatro requeria.

A leitura dos succintos avisos, que de vez em quando a minuscula *Gazeta de Lisboa* publicava na ultima pagina, basta para dar-nos ideia do repertorio que n'este tempo se executava na Rua dos Condes, e tambem nos revela os nomes de alguns actores e actrizes que então funcionavam no mesmo theatro.

Compulsemos por exemplo o volume relativo ao anno de 1814.

No numero 13, correspondente a 15 de janeiro, depara-se-nos a seguinte noticia:

«Segunda feira 17 do corrente, no theatro nacional da Rua dos Condes ha de representar-se a apparatusa comedia a *Acclamação do senhor rei D. Affonso Henriques* ou a *Memoravel batalha de Campo de Ourique*; haverá uma boa dança e jocosa farça; n'este dia não ha no theatro de S. Carlos divertimento.»

Eram estes os elementos constitutivos de todas as representações dramaticas do começo do seculo. O spectaculo abria geralmente com uma comedia, a que se seguia uma dança, e fechava com uma farça, quasi sempre ornada de musica.

A primeira peça tinha algumas vezes por assumpto um facto historico, outras era simplesmente um desenhado elogio dramatico, como por exemplo a que foi representada a 29 de janeiro de aquelle mesmo anno no theatro de S. Carlos e que se intitulava *Gloria das Tres Nações Aliadas*. No fim d'este drama allegorico apparecia «a effigie do grande Wellington» em cujo louvor a actriz Maria Ignacia da Luz cantava o hymno do commandante em chefe do exercito anglo-luso-hespanhol.

(Continúa.)

Maximiliano d'Azevedo.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### SANATORIOS NAS ALTITUDES

Casa do sr. Alfredo Cesar Henriques  
no alto da Serra da Estrella

Uma das questões que a expedição scientifica da Serra da Estrella se propoz estudar foi a da climatologia medica d'aquella região, e isto no particular intuito de averiguar se em algum ou alguns dos planaltos dos Herminios existiriam as desejaveis condições para o estabelecimento de *Sanatorios* apropriados ao moderno e efficacissimo tratamento da tísica pulmonar pelos chamados «climas de altitude».

Sabendo-se, como se sabe, que nas montanhas suizas e em outras europeas, nas americanas e nas asiaticas funcionam, desde bastantes annos, *postos sanitarios* situados em altitudes que variam de 1:500 a 3:000 metros, e sendo notorios e authenticos os casos não só de melhora, mas de cura, de certos graus de tísica pulmonar, pela simples influencia d'aquella tratamento climatérico, que actua principalmente pela continua e

inilludível gymnastica a que obriga o pulmão, era naturalissimo indagar se nas cumiadas da nossa Serra da Estrella se encontrariam, conjugados com a depressão barometrica d'essas grandes alturas, os restantes elementos constitutivos d'um clima benefico para o tratamento das affecções pulmonares de marcha lenta.

Para esclarecer este ponto, mandou o governo, a pedido da Sociedade de Geographia, promotora da expedição, construir n'um dos planaltos da Serra um posto meteorologico; e porque ao cabo de alguns mezes se conheceu, pela comparação dos dados meteorologicos da Serra da Estrella com os do mais afamado dos sanatorios da Suissa, o de Davos-Platz (altitude de 1:500 metros), que o clima da montanha portugueza era, pelo menos quanto ás indicações thermometricas, superior ao da montanha Suissa, deliberou-se um dos membros da secção medica da expedição a enviar para a Serra da Estrella um dos seus clientes, que desde alguns annos se achava affectado de uma doença pulmonar e que por essa mesma razão fóra já, em invernos anteriores, obrigado a residir na ilha da Madeira.

Esse doente, o ex.<sup>mo</sup> sr. Alfredo Cesar Henriques, partiu para a Serra em agosto do anno passado, lá se tem conservado até agora (com a unica falha de 8 dias, consagrados a uma excursão a Lisboa nos principios de janeiro) e propoe-se demorar a sua residencia no planalto até prefazer um anno de Serra. Pois foi esse mesmo enfermo o que planeou, fez construir e photographou essa elegante e caprichosa habitação, que a nossa gravura representa e em que elle reside ha muitos mezes.

Como se vê, a casa, diriamos melhor o chalet, está artisticamente encravada n'uns enormes blocos de granito, que lhe garantem ao mesmo tempo a estabilidade e o conforto.

Em torno d'esse nucleo, que o bom gosto e a tenacidade do sr. Cesar Henriques souberam fundar, não tardarão a agrupar-se, cremol-o, muitas outras vivendas em que, decorridos breves annos, se darão annual *rendez-vous*, como hoje o fazem em Davos-Platz, innumerados tísicos de todos os paizes. E para que os profanos em cousas medicas se não horrorisem com a profecia, contar-lhes-hemos que em janeiro ultimo, quando em Davos-Platz residiam centenas de tísicos, o thermometro chegou a descer, *DE DIA*, a vinte e dois graus abaixo de zero. Não será muito que a Serra da Estrella, onde tão asperas temperaturas se não observaram ainda, venham, em futuro não muito remoto, a fazer concorrência séria aos sanatorios suizos, dos quaes tem todas as vantagens derivadas das grandes altitudes, sem as desvantagens inherentes ás elevadas latitudes.

### ALTO DANDE, FAZENDA DE QUIJANDA

A gravura que publicamos com este titulo representa um dos pontos mais pittorescos do rio Dande, nas margens do qual está a fazenda Quijanda propriedade do sr. José Costodio de Carvalho Bastos.

O rio Dande pertence ao districto de Angola e a sua barra está situada em 8° 26' de latitude S. 22° 6' de longitude E. de Lisboa, tem pouco fundo e porisso só é navegavel para canoas ou pequenos barcos.

As suas margens são de uma grande fertilidade o que tem dado lugar a muitos proprietarios ali se estabelecerem, sendo uma das propriedades mais importantes a fazenda de Quijanda que, abrange 5 kilometros pelo rio acima distando 25 kilometros da barra.

N'esta fazenda faz-se em larga escala a cultura da canna de assucar, tendo um engenho a vapor para a fabricação do assucar e dois alambiques para a distillação da aguardente.

Além do assucar tem uma importante coltura de café e uma grande produção de oleo de palma, todos os fructos proprios do clima e magnificas madeiras.

É uma propriedade intelligentemente dirigida pelo seu proprietario que, tem sabido arrancar do solo todas as riquezas de que elle era susceptível de fornecer ao commercio d'Africa, o que só prova o grande valor d'aquellas regiões, que tão mal estimadas tem andado, e que a muitos ainda só se lhes afiguram como terra de degradados.

Temos mais algumas photographias d'esta fazenda, de que iremos publicando gravuras.

### JOÃO ANTONIO OQUEIA

Publicando o retrato de João Antonio Ogueia, presta hoje o OCCIDENTE merecida homenagem ao homem que, pelo seu trabalho honrado e honesto, soube elevar-se na sociedade.

João Ogueia nasceu no lugar de Briabi, na Galiza, aos 10 de abril de 1827. Seus paes Thomaz Ogueia e Maria Francisca Lourenço, viviam modestamente do seu trabalho e, quando o filho attingiu a idade de 6 annos, mandaram-o cursar a aula de primeiras letras.

Quatro annos depois, em 1837, veio João Ogueia para Lisboa, em companhia de seu pae. As circumstancias eram precarias; o trabalho escasseava; urgia tomar uma grande resolução.

Era uma noite de novembro e chovia torrencialmente — tal qual n'um romance em que dois vultos embuçados em compridas capas... (veja-se Ponson du Terraille) — quando Thomaz Ogueia e seu filho chegaram a Lisboa.

Dirigiram-se ambos ao largo do Rato. Faltava o dinheiro, não havia que comer, a viagem fóra longa e fatigosa. O desespero é mau conselheiro e Thomaz, cansado de lutar disse ao filho que o esperasse ali, que voltaria em breve. Seria essa a sua intenção? O caso é que a pobre creança ali ficou sentada, á porta do sr. marquez de Vianna, esperando de balde que seu pae voltasse a buscá-lo.

O marquez dava n'essa noite um baile. — Continua o romance; é que effectivamente foram um verdadeiro, mas triste romance, os primeiros annos de João Ogueia em Lisboa.

O pobre abandonado, que se conservava na rua á chuva e ao frio, foi visto pelo mordomo do marquez quando este acompanhava ao trem um dos convidados que se retirava do baile.

— Sae d'ahi, rapaz; vae-te embora; disse o mordomo vendo o rapazinho a tiritar, encolhido, a um canto.

João contou-lhe então que estava á espera do pae, que havia muito o mandára esperar ali e que não apparecia.

O mordomo teve dó da creança, que estava toda molhada, e mandou-a entrar para que lhe dessem agasalho e de comer.

Conservou-se João Ogueia quinze dias sob a protecção d'aquelle bom homem, até que, já cansado de esperar o pae, que não voltava, lhe arranhou o mordomo uma collocação n'uma carvoaria, á Praia de Santos.

João, que não se dava bem na carvoaria (tinha a esse tempo 18 annos) e arranhou commodo relativamente melhor no laboratorio chimico do sr. Francisco Mendes Cardoso Leal, então estabelecido no largo do Carmo. A sua occupação ali era a de ajudante do operador dos fornos. João Ogueia era muito applicado n'esse mister, cujas obrigações cumpria com gosto, sentindo vivos desejos de se iniciar nos segredos da chimica.

Em 1853, tendo adoecido o operador, passou João Ogueia para o seu lugar. Em 1855, falleceu o primeiro caixeiro, e João, muito bemquisto do patrão pela sua honradez e amor ao trabalho, foi nomeado para o substituir com a condição de administrar o laboratorio, encarregar-se dos appparelhos e mais trabalhos da fabrica, como analyses de ouro e prata, appartações, etc.

Assim se conservou á testa do laboratorio, até abril de 1864, anno em que, por desintelligencias com a familia de seu patrão, se despediu, resolvendo estabelecer-se com os seus poucos capitães, que então não excediam a 300\$000 réis.

Allugou uma casa — aquella em que ainda hoje habita — e ali montou uma pequena fabrica, onde fazia alguns preparados que elle mesmo depois ia vender aos droguistas.

Em 1867, a fim de desenvolver o seu commercio, resolveu ir ao Porto. Acompanhou-o n'essa excursão o seu particular amigo João José da Matta, hoje fallecido, que o apresentou a alguns dos principaes droguistas d'aquella cidade, que, de então, principiaram a fazer-lhe encomendas de summa importancia.

Sempre infatigavel no trabalho e desenvolvendo pouco a pouco, anno a anno, presistentemente, o seu commercio, conseguiu João Ogueia adquirir alguns bens de fortuna e um nome honrado que legará a seus filhos.

Em 1879 soffreu um grande revez na sua fortuna. Como tantos outros, lançou-se n'essa loucura do jogo nos fundos hespanhoes, em que perdeu vinte e tres contos de réis. Não desanimou, porém; pôde até dizer-se que este prejuizo lhe serviu de incentivo ao trabalho, a que se entregou do coração, auxiliado sempre por seu filho o sr. Joaquim Pedro Ogueia.

Finalmente, em agosto do anno findo, achando-se o sr. João Ogueia a descansar na sua quinta do Poço do Chão, em Bemfica foi procurado por um amigo que pertendia pôr em pratica uma idéa da mais alta importancia. Era uma tinta que, levando vantagem na cor e em tudo o mais ás que então se fabricavam, fosse completamente inalteravel pela acção do tempo.

Apoz aturado estudo e extraordinario trabalho,

o sr. Ogueia não só conseguiu uma tinta nas condições exigidas, mas ainda mais, inalterável pela aplicação de todos os reagentes.

A importância de uma tal descoberta, que no estrangeiro se tem tentado baldadamente, não carece da demonstração. As suas vantagens são enormes, são mesmo incalculáveis.

A utilidade d'esta notável descoberta e o louvor que n'ella cabe ao sr. João Ogueia, tem-o perfeitamente e com justiça demonstrado toda a imprensa.

## JOÃO BAPTISTA SCHIAPPA D'AZEVEDO

(Concluído do n.º 149)

Aberto o concurso João Schiappa não queria apresentar-se candidato, porque lhe repugnava, depois do exercício brilhante do professorado durante seis annos, ter que exhibir provas da sua capacidade; comtudo, movido pelos conselhos de alguém e pelas instancias de alguns collegas, resolveu-se a fazer o seu requerimento em que dizia pouco mais ou menos o seguinte: que sendo chefe da repartição de minas no ministerio das obras publicas, e assim engenheiro de minas, e tendo regido durante seis annos a cadeira de geologia no Instituto Industrial, se offerencia para continuar a regel-a se assim se houvesse por conveniente.

Este requerimento não era acompanhado de um unico documento.

O Conselho do Instituto, não poudé classificar este singular concorrente, mas tendo classificado este mais, declarou que as circumstancias que concorriam no requerente eram taes que não duvidava preferil-o a todos os outros, se assim parecesse conveniente, fazendo ao mesmo tempo commemoração dos seus serviços áquelle estabelecimento.

O ministro que invocára o principio da legalidade para abrir o concurso, teve que saltar por cima d'elle, nomeando para a cadeira o individuo, que não havia concorrido a ella nos termos legais.

Practicou-se um grande acto de justiça.

João Schiappa continuou a occupar o seu lugar no Instituto.

A importância de João Schiappa no mundo mineiro era enorme. O seu voto em assumpto de minas valia contos de réis: todas as empresas almejavam obter a opinião do distincto engenheiro com relação aos jazigos que tinham a explorar. A sua opinião era sempre franca, leal e simplesmente emmittida.

Uma noite subia eu do Poço Novo e encontré-me com elle antes da travessa do Alcaide. Conversamos alguns minutos, e perguntando-lhe o que vinha por alli fazer áquella hora, eram o cerca das 8, me respondeu com o seu tom humorístico do costume: «Vou decidir coisas muito importantes. Imagina que n'aquella casa, e to apontava para a de um titular abastado muito conhecido, estão alguns grandes do reino, e ricos capitalistas, que esperam por mim, como os judeus pelo Messias, para se resolverem a entrar n'uma empresa, da valia de muitos contos de réis, e o meu voto vae decidir do negocio». E ria e despedia-se de mim, dizendo que já era tarde, e que não queria fazer desesperar quem o esperava com tanto aneio.

Passado algum tempo organisava-se a companhia das minas de Gondarem, João Schiappa era eleito para um dos cargos de director d'ella.

Schiappa, julgou incompatível o seu lugar de director com o de chefe da repartição de minas, e pediu a sua exoneração d'este cargo. Não são muito vulgares estes actos de isenção no paiz.

Pouco tempo havia que o sr. Hintze Ribeiro, tomára conta da gerencia do ministerio das obras publicas, e manifestou ao illustrado engenheiro, quanto lhe era penoso, que logo desde o principio do seu ministerio o quizesse privar do auxilio da sua grande capacidade, mas insistindo João Schiappa, foi lhe dada a exoneração pedida, declarando-lhe o ministro, que apenas o conhecia de nome, que era um dos actos que mais lhe custava praticar.

Foi então (4 de maio de 1881) exonerado d'aquelle cargo, e passado ao de vogal addido ao concelho de obras publicas e minas, onde podia prestar muito bom serviço ao paiz, sem escrupulo de consciencia.

Ainda assim, este acto justissimo do ministro encontrou impugnadores.

Se João Schiappa não tivesse pedido a exoneração, ninguém se importaria com isso, como a pediu e foi nomeado para outro lugar, onde não se podia dar a mesma incompatibilidade, foi o assumpto objecto de discussão.

N'este paiz não se permite a um homem ser honrado sem o discutirem.

Pouco tempo se gozou o nosso amigo, da empreza em que se tinha empenhado, e não poudé ver coroados os esforços que fazia, para assegurar o bem estar de seus filhos.

Em julho de 1882 fôra a Hespanha ver a mina (de Huelva, creio eu); como ia muitas vezes. Já em 1879 d'alli viera muito doente, tendo que estar algum tempo de cama, e impossibilitado de trabalhar por causa de uma inflamação de olhos. O tempo agora estava quente, ardentissimo até, temperatura de 35 ou 37°, mas no fundo da mina aonde desceu, era de poucos graus acima de 0. Schiappa sentiu-se um tanto resfriado; não fez grande cabedal d'isso; elle, que me dizia muitas vezes que precisava ter muita cautella com os resfriamentos, por causa de uma pneumonia que havia tido no Porto, e que fôra mal tratada! Partiu para Lisboa e sem o minimo resguardo.

No dia seguinte ao da chegada foi para o escriptorio da mina, expoz-se a uma corrente de ar, bebeu alguns copos de agua fria, e ainda tornou a sahir de casa, mas recolheu mais incomodado.

Ao outro dia porém já se não poudé levantar da cama, e em cinco ou seis dias cerrava os olhos para sempre, no meio das lagrimas da sua familia, causando a triste nova, espanto e terror entre os seus amigos e conhecidos, a maior parte dos quaes, como a nós nos succedeu, nem tinham sabido que estivera doente!

De quando em quando encontro com algum individuo que me falla d'essa desventura, como de um facto que não pôde esquecer.

Nós vamos sentindo estes desapparecimentos, porque vemos rarear em torno de nós as fileiras d'aquelles que se criaram connosco, com quem partilhámos os brinquedos da infancia, os devaneios da mocidade, com quem rimos em horas de desenfado, chorámos em momentos de desgosto, e reconhecendo que pouco a pouco nos vamos achando sós, no meio de um grande bulicio de indifferentes, que nos farão ancilar ardentemente pelo repouso eterno, que desejamos ao nosso desventurado amigo, sobre cuja campa desfolhamos estas singelas saudades.

Brito Rebello.

## O AMIGO VISCONDE

VI

Tinham decorrido dois mezes depois da chegada a Lisboa. Alvaro passava a maior parte do tempo junto de Valentina. A installação na sua nova casa attrahia-o e prendia-o. Em horas de tedio, durante o tempo que andava por fóra, lembrava-se com saudade — como se a ausencia fosse longa! — do aconchego affectuoso da familia, do bem estar, da tranquillidade, da paz; e corria então para casa, procurando-a e refugiando-se n'ella, como n'um asylo sagrado dos seus affectos.

Era uma casinha nova, de um só andar, coberta de ardosia, com jardim, situada n'uma das ruas silenciosas de Buenos-Ayres. Um velho negociante inglez, mr. Daft, estabelecido, havia muitos annos, em Lisboa, mandára-a construir, segundo o risco que um architecto lhe enviou de Londres. Mas, dois mezes antes de terminarem as obras, uma filha do inglez morreu tísica; e mr. Daft, succumbindo ao profundo pezar, liquidou a casa commercial, e foi viver para os arrebaldes de New-Castle, sua terra natal. Ao rez-do-chão ficava, d'um lado, o escriptorio de Alvaro, do outro lado a sala de visitas, e ao fundo a casa de jantar forrada de carvalho do norte. No primeiro andar, para o qual se subia por um fôfo tapete inglez, eram o quarto da cama e os quartos de vestir.

Raras vezes recebiam visitas de cerimonia, durante o dia. Por isso, onde passavam a maior parte do tempo, antes do jantar, era no quarto de vestir de Valentina. Era um quarto pequeno, muito claro, forrado de *cretone* cor de rosa, com tapete cinzento. A mobilia era alcatifada de cazemira branca. Sobre um contador havia uma bilheteira de *sèvres*, que a tia Dorothea tinha dado a Valentina, na vespera do casamento. A taça era representada por uma grande flôr de magnolia, debaixo de cujas folhas um bando de cherubins nús dansavam uma sarabanda, com as cabecinhas de lado e um pésinho no ar.

As janellas do quarto deitavam para o jardim. A larga folhagem d'um platano antigo, que ficava perto da casa, attenuava a intensidade da luz exterior, derramando em todo o quarto uma meia claridade discreta e doce. Quando os *stores* de seda branca estavam subidos, os raios doi-

rados do sol atrevesavam pelas folhas da arvore, e faziam sobre o tapete um rendilhado de luz caprichoso, que estremecia ao sopro do vento. Em noites asperas de ventania, alguns ramos roçavam pelos vidros, com um ruido secco e irritante.

Alvaro tinha reunido em casa tudo o que a riqueza e o bom gosto podem apeteecer. Na escolha e disposição dos moveis e dos objectos d'arte auxiliara-o o talento de Valentina. Consultava-a para tudo, e gostava de a ouvir impôr a sua opinião deante do estofador, que a acolhia sempre com approvação e agrado.

Quem amiudadas vezes os visitava, quasi todos os dias até, era a tia Dorothea. Valentina tinha vivido com ella, durante alguns annos, em solteira. A mãe de Valentina tinha morrido na ilha da Madeira, de uma tísica pulmonar. Quatro annos depois, morreu o pae, victima de uma febre typhoide. Lamentou-se muito em Lisboa a morte do coronel. Explicava-se o caso da uma maneira extraordinaria. Dizia-se que o coronel entrara para uma carruagem de praça, que o levou a casa. N'essa mesma noite sentiu-se mal, com arrepios e febre, e, quatro dias depois, era cadaver! A carruagem, averiguado bem o caso, voltava de ter conduzido um doente ao hospital de S. José! Foi então que Valentina, contando apenas quinze annos, passou a viver na companhia da tia Dorothea, que era viuva.

A velha senhora ia quasi sempre de carruagem. Apenas chegava á porta, o trintanario, que era um velho criado do seu serviço, pulava da almofada, e ia abrir a portinhola, de chapeo na mão. A senhora D. Dorothea amparava-se-lhe ao braço, e nunca o despedia sem agradecer affavelmente:

— Obrigada, Sousa, obrigada.

Tinha mais de sessenta annos. Era magra, de uma magreza distincta, com uma côr de pergaminho antigo, o cabello branco penteado em bandós sobre a testa. Por baixo das palpebras inferiores, como se o peso continuo das lagrimas lhe tivesse amollecido os tecidos, a pelle balôfa enarquilhava-se um pouco, e o seus olhos d'um azul desmaiado tinham uma doce expressão de magua e de ternura. Trajava sempre de merino preto, o que lhe imprimia um aspecto venerando e augusto.

(Continúa).

Alberto Braga.

## EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1840. — Março 21. — Morre o poeta Sebastião Xavier Botelho, pae da primeira condessa de Mello. Foi auctor de uma interessante e bem desenvolvida memoria sobre as nossas provincias ultramarinas, na costa d'Africa.

1816. — 22. — Ordena-se a impressão das *Decadas da India*, escriptas por João de Barros, applicando-se para esta despeza 200\$000 réis havidos de André Lopes Pinto, que havia comprado por aquella somma o perdão de um delicto.

1559. — 23. — Morre em Coimbra o celebre historiador Fernão Lopes de Castanheda.

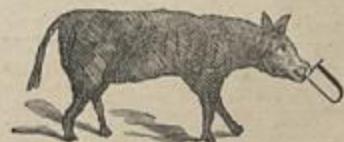
1762. — 24. — Nasce em Lisboa o insigne musico Marcos Antonio de Portugal, o maior musico e compositor portuguez até hoje conhecido.

O numero das suas composições theatraes, cantadas nos principaes theatros da Europa eleva-se a sessenta e tantas.

A sua reputação foi enorme e justificadissima. Falleceu no Rio de Janeiro em 1827.

1854. — 25. — Primeira representação no theatro de D. Maria II, do drama em 5 actos *A Dama das Camélias*, sendo o papel da protagonista desempenhado pela actriz Emilia das Neves.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Quem não tem que fazer faz colheres.

1856.—26.—Morre da idade de 93 annos, pobre e esquecido, o poeta lyrico e bucolico Francisco Joaquim Bingre, denominado o *Cysne do Vouga* e o *Francelino Vouguense*.

Foi um dos fundadores da Arcadia, e um dos socios mais honrados e desditosos que teve aquella celebre academia.

1868.—27.—Primeira representação no Real Theatro de S. Carlos da opera portugueza do maestro Noronha: *O Arco de Sant'Anna*.

Foi em beneficio do dito maes' tro e recebida com muitos applausos.

1810.—28.—Nascimento do grande historiador portuguez Alexandre Herculano, na casa hoje n.º 428, do pateo do Gil, sito na rua de S. Bento.

1832.—29.—Decreta-se o ensino livre. Foi lei da regencia da ilha Terceira, referendada pelo duque de Palmella.

1670.—30.—Morre o poeta Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, auctor do celebre poema heroico *Virginidos* ou a *Vida da Virgem Senhora Nossa*, dedicado á rainha D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV.

1809.—31.—Sae de Coimbra, para entrar em campanha, o corpo militar de *Voluntarios academicos*.

Neves Ferreira, e a que já nos referimos no numero anterior ao fallar do n.º 12 dos *Annaes do Club militar naval*. — *Exploração do Rio Bembe* pelo sr. Diocleciano Ferreira das Neves, *A ilha de S. Nicolau*, conclusão pelo sr. Joaquim da Silva Caetano, *Exploração agronomica de Cabo Verde e Guine*, pelo conde de Arpoare, tudo relativo ao nosso dominio na Africa, o que tem todo o atractivo da actualidade, e ainda outros artigos que dão todo o valor áquella publicação.

*Açores*, e de uma serie de documentos relativos aos capitães donatarios da ilha Graciosa, é este numero complementar das camoneanas, por comprehender um additamento á *Bibliographia Camoneana dos Açores* inserta em outros numeros anteriores.

PERFIS ARTISTICOS. *Gazeta Musical de Lisboa* Netto & C.ª editores, Lisboa. N.º 36, 37 e 38 do segundo anno com os retratos de Eusebio Dalmau, Thomaz Del-Negro e Alfredo Keil, em photographia e artigos sobre assumptos musicaes.

Á VOLTA DO MUNDO. *Jornal de Viagens e de assumptos Geographicos*, directores litterarios dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empresa Litteraria Luso Brasileira, editora, Lisboa. N.º 1 e 2 d'esta magnifica publicação que insere bellas gravuras e artigos de importancia.

SCIENCIA PARA TODOS, redactor Francisco d'Almeida, Santos Valente & Faro editores, Lisboa. Este periodico, unico no seu genero em Portugal, concluiu agora o seu primeiro vol. com a publicação dos n.ºs 49, 50, 51 e 52. Em breve principia a publicação do segundo volume.

JORNAL DA INFANCIA, editores Mattos Moreira & Cardoso, Lisboa. Continua com a maior regularidade a publicação d'este semanario destinado á infancia, estando já distribuido até ao n.º 11.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO, NOVO EDIFICIO. E' uma formosa pagina em chromotypographia que dá noticia do novo edificio que o Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro está edificando e que deve estar concluido e inaugurado em 10 de junho de 1884, realisando por essa occasião uma exposição Camoneana do terceiro centenário. Acompanha esta pagina que, é da mais perfeita execução typographica que temos visto e que muito honra o estabelecimento do sr. Castro Irmão, uma photographia do projecto do edificio, a belleza do qual os nossos leitores poderão apreciar em o n.º 80, do IV vol. do OCCIDENTE que reproduziu em

gravura este projecto, acompanhado de um desenvolvido artigo sobre o assumpto.

O sr. Eduardo Lemos meretissimo presidente do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, é que fez executar e distribuir a noticia e photographia de que vimos de fallar.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6



JOÃO ANTONIO OGUEIA, INVENTOR DA TINTA INDESTRUCTIVEL  
(Segundo uma photographia)

ARCHIVO DOS AÇORES publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana; volume quarto, numero XII, 1883, Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel. Typ. do Archivo dos Açores. Continua esta publicação mantendo a sua importancia, já hoje universalmente reconhecida. Além de uns interessantes extractos da *Conquista da Ilha Terceira em 1583* pelo Licenciado Christoval Mosquera de Figueroa, auditor geral da Armada e exercito del Rey Catholico, e da continuação da curiosa resenha do *Vulcanismo nos*

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... segundo anno, sexta serie — 1883 — David Corazzi, editor *Empresa Horas Romanticas* — Premiada com a medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro, Administração: 40, R. da Atalaya, 52, Lisboa, Filial no Brazil: 40, R. da Quitanda, Rio de Janeiro. Publicaram-se os n.ºs 46 e 47 d'esta interessante collecção comprehendendo a *Historia Universal* e a *Biologia*. Nem um, nem outro d'estes opusculos pode dar um conhecimento profundo d'estes vastissimos assumptos, o primeiro tratado desde os mais remotos tempos em milhares de volumes, e o segundo nascido pode-se dizer, que nos nossos dias, da immensa massa de trabalhos accumulados pelos diversos ramos das sciencias, que solicitam estes pontos de ligação. São pois estes dois tratadinhos uma especie de synopse dos vastos conhecimentos já conquistados para a sciencia e que se completam com outros tratados em que se desdobram as suas diversas partes.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA fundada em 1875, 3.ª serie — n.º 6 — Lisboa — Imprensa nacional, 1882. Comprehende este fasciculo os seguintes artigos: *Da necessidade de fixar definitivamente os limites dos nossos territorios na costa occidental da Africa* pelo sr.

O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro

SEXTO ANNO — 1893

PREÇOS D'ASSIGNATURA

PARA O CONTINENTE DE PORTUGAL E AÇORES

Franco de porte, moeda forte

Anno ou 36 numeros..... 3\$800  
Semestre ou 18 numeros..... 1\$900  
Trimestre ou 9 numeros..... \$950  
A' entrega, cada numero..... \$120

POSSESSÕES ULTRAMARINAS D'AFRICA

Franco de porte, moeda forte

Anno..... 4\$600  
Semestre..... 2\$300

ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Franco de porte, moeda forte

Anno..... 5\$000  
Semestre..... 2\$500

BRAZIL

Franco de porte, moeda fraca

Anno..... 15\$000  
Semestre..... 7\$500

PREÇOS DOS VOLUMES

1.º, 2.º e 3.º

Cada um encadernado..... 4\$000  
" " brochado..... 3\$000

4.º e 5.º

Cada um encadernado..... 5\$000  
" " brochado..... 4\$000  
Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 réis por volume.

Preços de series

De 12 numeros seguidos relativos aos 1.º 2.º e 3.º volumes..... 1\$500  
De 6 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes..... \$750  
De 18 numeros seguidos relativos aos 4.º e 5.º volumes..... 2\$000  
De 9 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes..... 1\$000

Preços dos numeros, supplementos e indices avulsos

N.ºs 1 a 72 cada um..... \$100  
N.º 73 em diante cada um..... \$120  
Supplementos..... \$400  
Indices e frontespicios juntos e capa de papel.... \$120

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

Em pano chagrin com ornatos preto e ouro

Cada uma..... \$800

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882 E 1883

Cada um..... \$200

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA

PELO COMMENDADOR GIL VAZ

Um volume de 240 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$500

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por Leite Bastos

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$600